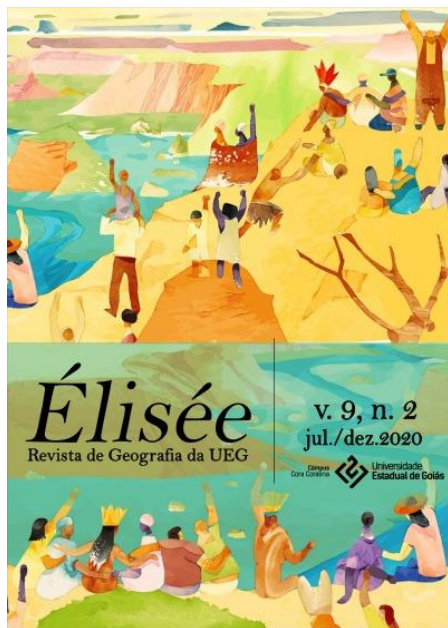


DOSSIÊ TERRITÓRIO CERRADO



Revista *Élisée*, Revista de Geografia da UEG, vol. 9, número 2, jul./dez. de 2020.

Apresentação

Nesta edição (vol. 9, nº2, jul./dez. de 2020) o conselho editorial da revista *Élisée*, além dos textos dedicados às diversas áreas temáticas da geografia, traz uma *seção especial* dedicada ao Cerrado. Essa seção é uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEG em diálogo com a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado e com o Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATÁ) e foi coordenada pelos professores Murilo Mendonça Oliveira de Souza e Ricardo Júnior de Assis Fernandes Gonçalves.

A conjugação de pesquisas, textos e reflexões acerca do Cerrado, apresentada na *Seção Especial Território Cerrado* cumpre alguns propósitos centrais: o primeiro deles é aglutinar pesquisadoras e pesquisadores por meio da Geografia ou em interação com esse campo de saberes que há mais de quarenta anos experimenta esforços coletivos para analisar o território Cerrado. O segundo objetivo é sublinhar um conjunto de pesquisas sobre o Cerrado que visa proceder um “sacolejamento” crítico das distintas perspectivas para vê-lo, pesquisá-lo e interpretá-lo.

Nesse sentido, a *Seção Especial Território Cerrado* apresenta textos construídos a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas e com abordagens diversas, situando tanto questões de análise ambiental como relacionadas à dinâmica territorial do Cerrado. Mineração, agricultura, movimentos sociais, educação no/do campo, povos e populações tradicionais, comunicação, literatura, questão urbana, religiosidades e cultura são alguns dos temas que, na relação com o Cerrado, arvoram-se nas páginas dos artigos.

O acúmulo de conhecimentos sobre o Cerrado demonstra que esse território não se define só pelos componentes climáticos, hídricos, fitofisionômicos, faunísticos, tipos de solos ou formas do relevo. O Cerrado é território e patrimônio da vida e da cultura de

diferentes povos que o utilizam e o significam no processo de reprodução social da existência, na relação com a memória, saberes e identidades. É ainda um território historicamente apropriado e disputado por atores hegemônicos que o veem apenas pelo crivo economicista ao transformarem água, terra, vegetação e minérios em objetos de produção de *commodities* e especulação financeira.

O território Cerrado revela-se diverso, com sua sociobiodiversidade manifestada nos saberes ancestrais de povos indígenas, mulheres camponesas, memórias de lutas, festas, trabalho e relação com a terra, os rios, as matas, o relevo e as sementes. Sua configuração histórica, ambiental, social, cultural e política está simbolizada na diversidade natural e humana. Diversidade essa que, pelo viés da interpretação territorial, aglutina elementos naturais, econômicos, políticos e culturais do Cerrado.

Nas últimas décadas o território Cerrado foi incorporado na nova Divisão Internacional do Trabalho através do elo geopolítico tramado pelos poderes instituídos por políticas de planejamento estatais e programas econômicos de empresas privadas nacionais e internacionais. A expansão das fronteiras extrativas e dos megaempreendimentos de infraestruturas no Cerrado o transformou em mercadoria integrada às escalas nacionais e internacionais de consumo.

Os grandes projetos de extrativismo mineral com megaminas a céu aberto e subterrâneas, o desmatamento intenso e as monoculturas de grãos, cana de açúcar e eucaliptos devassam terras, exaurem paisagens, pilham rios e deterioram a saúde de trabalhadores inseridos nas redes de produção de *commodities* agrícolas e minerais. Ademais, a instalação de usinas hidrelétricas, o amplo uso de agrotóxicos e o intenso crescimento urbano produzem um território desigual, ameaçam a manutenção dos bens comuns naturais e a vida dos povos do Cerrado. Resulta disso um agudo processo de “destruição material do viver”, conforme sublinhado por Miguel Arroyo.

Por outro lado, forças populares se unem na organização de movimentos sociais de lutas por terra, reforma agrária, contra os agrotóxicos e em defesa de territórios e da vida. Avultam encontros de saberes, solidariedades e resistências. No Cerrado, a multiplicidade de paisagens e o mundaréu de gentes e de culturas consolidam territórios de resistências e lutas. Povos indígenas, quilombolas, trabalhadoras e trabalhadores, populações tradicionais e camponesas resistem à violência do modelo de desenvolvimento sustentado nas bases do capitalismo mundializado e poder das corporações do agronegócio, turismo, mineração e indústria farmacológica.

A publicação desta *Seção Especial* sobre o Território Cerrado também se apresenta como fundamental para se fortalecer o lastro de debate crítico frente à conjuntura política, econômica e sanitária atual (2020). Em um momento já confrontado e fraturado pela pandemia da COVID-19, a morte de milhares de brasileiros e o desemprego de milhões de trabalhadores; presencia-se a política do atual governo (2020) fomentando a violência contra territórios e populações tradicionais da terra, das águas e das florestas; o ataque às instituições democráticas e aos direitos dos trabalhadores; o incentivo à devastação da Amazônia, do Cerrado e de outros biomas-territórios pelos setores econômicos hegemônicos.

Por consequência, emerge do Governo uma conjuntura caracterizada por mais extrativismos predatórios; mais violência; mais desigualdade; mais desemprego; mais privilégios para bancos, empresas do agronegócio e da mineração. Noutra extremo mantém-se a equação de menos democracia; menos saúde do trabalhador; menos proteção de povos indígenas, quilombolas e camponeses; menos investimentos em reforma agrária; menos investimentos em educação pública. Logo, o momento requer a junção de lutas solidárias com grupos e sujeitos em defesa da natureza, bens comuns, direitos humanos, soberania e segurança alimentar, agroecologia, saúde e dignidade no trabalho.

Assim, com a *Seção Especial Território Cerrado*, além dos objetivos pontuados no início da apresentação, pretende-se com espírito democrático abrir as páginas do PPGEO/UEG e da revista *Élisée*, para composição de forças que defendem a vida no Cerrado; ou que defendem o Cerrado enquanto vida. Essa defesa se compele a ter um tino crítico aos poderes, às racionalidades econômicas e às estratégias que têm usufruído o Cerrado para manter riquezas escusas e privadas, ocasionando a sua pilhagem ambiental e territorial. Não à toa que os textos compreendidos aqui conectam sujeitos, identidades, classes sociais, trabalho, plantas, águas, minérios, memórias, línguas e tudo aquilo que torna o Cerrado vivo. E, por isso, se levantam contra as estratégias de apropriação deletéria que querem transformá-lo em “território necrófilo”.

Finalmente, esperamos que esta *Seção* tenha função concreta na promoção do diálogo científico e popular em torno das questões contemporâneas relacionadas ao Cerrado, aproximando os conhecimentos produzidos academicamente aos problemas e conflitos vivenciados cotidianamente. Almejamos, portanto, que os resultados das pesquisas sejam utilizados ativamente no debate sobre o Cerrado e os povos do Cerrado, assim como nos espaços de formação promovidos por movimentos populares, sindicais, comunidades, trabalhadoras e trabalhadores.

O conselho editorial agradece a confiança dos autores, sem os quais não seria possível dar aos leitores uma amostra da diversidade de temas da pesquisa em Geografia e áreas afins. Agradecemos também ao Estúdio Massa por ceder a bela imagem que ilustra a edição e ao assessor de publicações da UEG, Léo Carrer, pela criação da capa e apoio técnico.

Desejamos boa leitura.

Goiás, 09 de setembro de 2020

Murilo Mendonça Oliveira de Souza
Ricardo Júnior de Assis Fernandes Gonçalves
Conselho editorial